



ORDINE DEGLI AGOSTINIANI SCALZI

PRIORE GENERALE – prioregen@oadnet.org

Piazza Ottavilla, 1 – 00152

Roma – Italia

Tel.: +39 06 5896345 – www.oadnet.org

Prot. Reg. V; fol. 218/02

A TODOS OS MEMBROS DA ORDEM.

Objeto: O que há por trás dos pedidos de *Absentia a domo*, de Exclaustração ou do abandono da Ordem.

É interessante procurar analisar as dificuldades declaradas pelos religiosos nos pedidos de *Absentia a domo*, de Exclaustração ou de abandono da comunidade religiosa e do ministério sacerdotal, para encontrar as raízes, às vezes não expressadas, que as motivam, fazer uma precisa avaliação e tirar umas indicações sobre o modo de preveni-las e encaminhá-las para boas soluções.

- a) Algumas situações estão ligadas à dificuldade que os religiosos encontram em estabelecer e manter relações humanas serenas e tranquilas com os confrades. É bastante evidente, em alguns deles, a incapacidade em dialogar, em confrontar-se, em tolerar, em ter paciência, em desculpar e em perdoar o irmão. Escutam-se muito pouco na comunidade as três palavrinhas que constituem o secreto de um são e agradável convívio humano: “com licença”, “desculpa” e “obrigado”. A vida em comunidade é vivenciada, em alguns casos, mais como um fardo do que como uma riqueza, dando maior peso às suas exigências do que aos seus benefícios. Prefere-se mais evitar do que procurar momentos de encontro. São fatos sintomáticos: procurar encurtar o tempo de permanência à mesa, não tentar começar uma conversa, manter ligados a TV ou o celular. É estranho: em quase todas as comunidades reza-se juntos, mas quase desapareceram os momentos informais de diálogo, de lazer ou de recreio. Omitir a celebração dos Capítulos conventuais pode ser somente a ponta do iceberg e é talvez um sintoma de mal-estar interpessoal ou de desmotivação em acreditar no valor deste instrumento importante da vida comum.
- b) Em muitos religiosos é forte o desejo de gerir em autonomia a própria vida, sob todos os seus aspectos, a partir do financeiro. Há uma sede mal disfarçada de independência. A comunidade é vista como uma capa que inibe e mortifica. Chega-se ao ponto de não ser mais transparentes, tornar-se fingidos e hipócritas e, às vezes, não se comunicam as saídas da comunidade, não se presta conta da administração do dinheiro, não se tem interesse pela vida e pelas atividades dos outros. Mais do que servir, nos servimos da comunidade, raramente trazendo alguma coisa. Pensa-se que sem o compromisso e a ligação com uma comunidade religiosa as coisas seriam mais simples e não existiriam problemas.
- c) Nos pedidos de *Absentia a domo* é frequentemente indicado como motivo o desejo de ajudar os familiares. Na maioria dos casos o pedido de ajuda dificilmente parte da família ou de uma sua verdadeira necessidade; não é difícil perceber que o pedido esconde outros desconfortos ou problemas que o religioso é incapaz de enfrentar ou de resolver. Mais do que a necessidade da família é o religioso que sente a necessidade de sair de um ambiente que se tornou apertado demais. A família normalmente não conhece a situação, nem gostaria de ver o filho religioso e/ou sacerdote deixar a vida consagrada e o ministério por causa dela. Isto revela, na melhor das hipóteses, uma falta de clareza a respeito das consequências que derivam da consagração, lacunas graves na própria formação, enquanto em outros casos revelam uma verdadeira e própria duplicidade de intenções.
- d) Impõe uma reflexão o fato que para muitos a Exclaustração foi pedida sem motivos graves e consistentes, afirmando, o mais das vezes, de ter refletido e rezado muito antes de tomar

a decisão. Na realidade, o pedido não raramente, esconde uma visão egocêntrica da vida e as dificuldades pessoais de sair de si mesmos para pôr-se a serviço da comunidade ou para se deixar acompanhar em um momento de crise. Vem espontâneo perguntar-se: que tipo de serviço pastoral poderão desenvolver estes religiosos sacerdotes em uma Diocese? Como serão capazes de desenvolver um serviço autenticamente pastoral, chamados à abnegação, a esquecer-se de si mesmos, a preocupar-se e ocupar-se do povo de Deus a eles confiado, até o dom da vida?

- e) Normalmente a crise é gerida autonomamente e as decisões são quase sempre unilaterais. Quando a crise se instala, não se tem capacidade de olhar-se ao redor. Frequentemente os acordos com os Bispos são tomados às escondidas, com antecedência e os superiores são avisados quando tudo se concretizou. Os Bispos, por sua parte, muito raramente contatam os Superiores. Suscita admiração que religiosos com fortes características individuais, incapazes de partilhar seja a nível material que pessoal, com frequências relutantes em pôr-se à disposição da comunidade, atentos a não fazer mais do que o mínimo devido, sejam atraídos pela vida diocesana. Não parece que sejam motivados pelo zelo pastoral para com as comunidades cristãs, quanto antes de mais, pelo desejo de usufruir de maior liberdade, para conduzir um estilo de vida mais independente, o que com frequência se revela uma grande ilusão.
- f) Alguns, expressa ou implicitamente, indicam como motivo do pedido de Exclaustração o fato de terem sido pouco valorizados na Ordem. Não compreendem que a busca de valorização sem um testemunho de dedicação desinteressada é prova de um conflito interior, porque põe-se a felicidade em ocupar um determinado ofício ou em ter um título, mais do que no servir. Mostra uma dependência perniciosa do elogio, do estar no centro das atenções, de emergir a qualquer custo. O nosso carisma, certamente, anda na contramão: “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”; “quando tiverdes cumprido tudo o que lhe for pedido, dizei: Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17,10). A contradição entre o lema do carisma e a queixa de uma falta de reconhecimento e valorização deixa pensar a um conhecimento superficial do núcleo central da vida consagrada e da nossa específica espiritualidade agostiniana descalça. Lacuna da formação? Mas como foram vividos os mais ou menos dez anos de iter formativo, dos quais ao menos cinco como professores? O impacto com uma comunidade concreta (que já inicia no ano de discernimento) é mesmo capaz de pôr em crise todas as certezas amadurecidas? Não se tratará, antes, de superficialidade ou miopia que põe sua segurança em ideais e projetos pessoais? Ou a falta de frustrações e de provocações durante a formação gerou adultos imaturos que talvez preferem apontar o dedo sobre os superiores, mais do que enfrentar o esforço de uma mudança pessoal?
- g) Os abandonos da vida comum e do ministério sacerdotal muitas vezes são fruto de um crescente mal-estar no plano emotivo e afetivo, que leva alguns a viver uma vida dupla, continuando por longo tempo relações afetivas mantidas secretas. Raramente nestes casos viu-se o religioso pedir ajuda, assim como observam-se algumas negligências por parte dos confrades em enfrentar tais dificuldades. Contudo, em muitas situações teve uma evidente falta de prudência e uma incapacidade em gerir dificuldades normais que fazem parte da escolha da vida consagrada e celibatária.
- h) Causa preocupação que alguns religiosos tenham desenvolvido ao longo dos primeiros anos de sacerdócio graves formas de dependência de substâncias alcoólicas e, mais raramente, até de substâncias entorpecentes, assim como tenham-se manifestado os sintomas de sérios distúrbios psicológicos que requereram tratamentos especializados e internações em centros de recuperação. Também aqui precisa considerar que o recurso à psicoterapia é encarado como remédio para controlar os aspectos mais evidentes da crise, enquanto poderia ser utilizado como instrumento de conhecimento de si, até na ausência aparente de problemas graves e urgentes. Certamente isso é um suporte e não uma solução. Infelizmente, o acompanhamento psicológico, sem um percurso espiritual que o acompanha, não pode ser

eficaz até porque corre o risco de cortar fora a comunidade, elemento imprescindível em assumir toda a situação.

- i) Sem dúvida, tudo isso evidencia lacunas na formação a respeito do valor e das obrigações derivantes da consagração religiosa, apesar dos anos de estudo e da formação recebida. O fato que a maioria dos problemas emerge durante os primeiros dez anos de sacerdócio, deixa pensar que o tempo da formação inicial tenha sido vivenciado como uma situação protegida. Provavelmente não se consegue pôr suficientemente em crise as motivações profundas, a fixar a opção da própria consagração, a externar as dificuldades que emergem, iniciando um trabalho sobre si mesmos que faça amadurecer a própria afetividade.

Do mesmo modo, é conveniente considerar que outros religiosos que fizeram o mesmo iter formativo e tiveram os mesmos mestres permaneceram fiéis à própria consagração. Portanto, há sempre uma forte conotação pessoal no modo de viver a formação, de aceitar os estímulos recebidos e de gerir os próprios conflitos. Está comprovado que quem não se abrir ao diálogo e à confrontação com os formadores está destinado ao fracasso, enquanto quem for capaz de abrir seu coração tem muitas chances de sair amadurecido das crises normais do caminho vocacional

O que foi dito acontece evidentemente com mais frequência nas Províncias mais novas. É preciso reconhecer por honestidade que a Província do Brasil e a das Filipinas estão realizando há anos muitos encontros para formadores, aos quais foram ofertados cursos de breve e longa duração como ajuda necessária ao delicado ofício deles.

Não esqueçamos o que sublinhou o Card. João Bráz DE AVIZ, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, na saudação dirigida a Papa Francisco ao término da celebração eucarística de dois de fevereiro de 2020: embora a maioria das crises e defecções aconteçam nos primeiros anos de sacerdócio ou de profissão solene, “agora alcançam todas as idades”.

Roma, 21 de setembro de 2020,
festa de São Mateus, apóstolo e evangelista.


Fr. Diones Rafael Paganotto
Secretário geral




Fr. Doriano Ceteroni
Prior geral